



SEXUALIDADE HOMOSSEXUAL NO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA*

Natanael de Freitas Silva

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
natanaelfreitass@gmail.com

Natam Felipe de Assis Rubio

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
rubionathan@hotmail.com

Resumo:

O objetivo deste artigo é discutir e apresentar como as homossexualidades foram tematizadas, nomeadas e significadas no Brasil durante os anos 1978-1981. E para isso, iremos apresentar um debate historiográfico sobre o tema a partir de bibliografia pertinente, em seguida, enfatizamos o que era dito e entendido por homossexualidade à época, e por fim, exemplificamos como o *Lampião da Esquina* teceu e comunicou outros olhares sobre as homossexualidades.

Palavras-chave: Lampião da Esquina; homossexualidade; ditadura; discurso.

Abstract:

The aim of this article is to discuss and present how homosexuality was thematized, named and signified in Brazil during the years 1978-1981. And for that, we will present a historiographic debate on the subject from pertinent bibliography, then we emphasize what was said and understood by homosexuality at the time, and finally, we exemplify how *Lampião of Esquina* wove and communicated other looks on the homosexuality.

Keywords: Lampião of Esquina; homosexuality; dictatorship; speech.

1. Introdução

Narrar e evidenciar a relevância e o lugar social do jornal *Lampião da Esquina* na nossa história recente e principalmente na constituição da memória do Movimento homossexual/gay (e atual LGBTI+)¹ no Brasil, ainda é um desafio. Tal alegação se dá pela considerável trama discursiva sobre e a partir do *Lampião da Esquina* que iluminou e ilumina as esquinas e trilhas dos debates historiográficos, sociológicos e antropológicos. Entendemos que a utilização e enquadramento do periódico como fonte histórica do emergente Movimento de afirmação homossexual no Brasil (MHB), em fins dos anos 1970, justifica-se pela

¹ Segundo o *Manual de Comunicação LGBTI+*, publicado em 2018, recomenda-se o uso do termo LGBTI+ para referenciar a população lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual e intersexual. O sinal + denota outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.

prerrogativa dos jornais serem “bons comunicadores das histórias de vida e sonho. Além disso, eles criaram verdadeiros espaços de manifestação de opiniões acerca de um certo tema, com alguma coerência ideológica entre si” (RODRIGUES, 2014: p. 89). Como também seleciona os temas e assuntos que vão orientar e de certa forma fundamentar a constituição e o fortalecimento de identidades dos grupos a que se destinam.

Assim sendo, neste artigo, localizamos como as homossexualidades foram tematizadas, nomeadas e significadas nas páginas do *Lampião da Esquina* durante os anos 1978-1981, período de sua circulação. Para tal feito, apresentamos um debate historiográfico sobre o tema a partir de bibliografia pertinente, em seguida, enfatizamos o que era dito e entendido por homossexualidade à época, por fim, e a partir da noção foucaultiana de contraconduta, exemplificamos como o *Lampião* teceu e comunicou outros olhares sobre as homossexualidades, além de matizar o debate sobre o mesmo e localizar outros (des)caminhos no *Lampião da Esquina*.

Ao longo de 3 anos e meio de vida, foram produzidas trinta e sete edições, além do número zero e mais três edições especiais, do *Lampião da Esquina*, com uma circulação inicial aproximadamente de 10 a 15 mil exemplares. Sua estrutura, formato tabloide, era composta por seções como, *Opinião* (o equivalente ao editorial); *Ensaio*; *Esquina* com notícias; *Reportagem*, representada pela matéria de capa; *Literatura*; *Tendência* (seção cultural que se divide em *Livro*, *Exposição* e *Peça*) e *Cartas na mesa*, onde continha correspondências publicadas e respondidas aos mais diferenciados pontos de vista de leitoras e leitores que interrogavam o jornal. A partir do número cinco é publicada uma nova seção, *Bixórdia*, de fofocas em geral.

Os principais atores envolvidos na constituição do corpo editorial eram homens homossexuais assumidos que atuavam como jornalistas, escritores, artistas, intelectuais e acadêmicos, residentes no Rio de Janeiro e São Paulo. Dentre eles, Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antonio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernadet, João Antonio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Doravante, destacamos a digitalização e disponibilidade online de todas as edições do *Lampião* pelo *Grupo Dignidade*, no ano de 2009, como um acontecimento de suma importância para o avanço e proliferação de pesquisas sobre ou em torno do primeiro jornal

produzido por e para homossexuais, na trilha da imprensa alternativa que surgia no Brasil em fins dos anos 1970 (PÉRET, 2011) e inserido na denominada “distensão lenta, gradual e segura”, proposta por Ernesto Geisel (1974-79) e tematizada por Rodrigo Cruz (2015).

Alguns dos principais trabalhos a situar e localizar a emergência e subsequente relevância do *Lampião* na nossa história recente foram Fry e MacRae (1983), MacRae (1990), Green (2000 e 2006), Albuquerque Júnior e Ceballos (2004), Fachinni (2005), Simões e Facchini, (2009), Caê Rodrigues (2010 e 2014), Trevisan (2011) e Péret (2011). Sob a miríade de saberes como a História, Antropologia, Sociologia e Jornalismo, essas pesquisas objetivam “levar as coisas silenciosas a se tornarem expressivas” (PROST, 2008: p. 77), instituindo e forjando outras narrativas sobre o passado, abrindo novos horizontes e devires. Nas palavras de Albuquerque Júnior e Veras:

se durante décadas, a historiografia invisibilizou essas experiências [homossexualidades e travestilidades etc] que, ao longo da história assumiram diferentes denominações e significados, [...], nos últimos anos, os olhares de Clio voltaram-se para os clamores dos “disparatados”, revelando que as demandas do presente orientam os usos do passado e contribuem para a reescrita da história (2016: p. 7).

Além desses trabalhos, uma proliferação de artigos (FERREIRA, 2012; BUTTURI JUNIOR, 2012; MARIUSSO, 2013 e 2015; COELHO, 2014; SCHULTZ et al, 2014; ALVES, 2015; MOSQUEIRA, 2015; ARIAS NETO et al, 2016; GONÇALVES, 2016; PINTO e FEITAS, 2017; SILVA, 2016; SOUTO MAIOR JR, 2016; SILVA e BRITO, 2017; SILVA, 2017), monografias (MOSQUEIRA, 2013; WAGNER, 2013; CANDIDO, 2017; RUBIO, 2017), dissertações (BANDEIRA, 2006; SIMÕES JR, 2006; HEREN, 2011; AMARAL, 2013; ANDRADE, 2015; GIMENEZ, 2015; MARIUSSO, 2015; SOUTO MAIOR JR, 2015; BRITO, 2016; SILVA 2016; OLIVEIRA, 2017; PEREIRA, 2017) e teses (SOUZA NETO, 2011; SILVA, 2017) tem complexificando esse quadro interpretativo, propondo novas questões, novos recortes e métodos. E principalmente, colocando no primeiro plano da escrita da história, experiências e identidades, até então, silenciadas, tomadas como abjetas e escamoteadas por um modo de narrar heterocentrado, normativo e binário.

Consideramos também que a produção cinematográfica² recente, a partir de técnicas de enquadramento e “estratégias de reiteração” (NAPOLITANO, 2011: p. 267) irá amplificar

² Nos referimos ao documentário *Lampião da Esquina*, dirigido por Livia Perez e lançado em agosto de 2016.

e potencializar novas reflexões e inteligibilidades sobre o *Lampião da Esquina*. Afinal, como nos diz Antoine Prost, “o elenco das questões históricas nunca estará encerrado: a história terá de ser continuamente reescrita” (PROST, 2008: p. 79).

Por conseguinte e conscientes de que “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público” (LUCA, 2011: p. 139), é notório que o *Lampião da Esquina* não só tematizou as homossexualidades e outros temas considerados polêmicos no seu tempo, - como a entrevista com o líder sindicalista Luís Inácio Lula da Silva, na edição de nº 14 de julho de 1979, em que o futuro e atual ex-presidente da república afirmava não haver trabalhador e/ou operário homossexual, entre tantas outras falas polêmicas que, segundo Trevisan, expressavam a homofobia presente em boa parte da esquerda do período³-, mas também foi partícipe e instituinte de uma pedagogia de gênero, forjando hierarquias identitárias e disputando o controle e os códigos de produção narrativa. Como nos alerta Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (1996: p.10). Dessa forma, entendemos que a constituição do Movimento homossexual brasileiro passou pela produção localizada, nos termos de Donna Haraway (1995), de suas próprias narrativas e demandas.

Com efeito, revisitar o *Lampião da Esquina* no 40º aniversário do atual Movimento LGBTI+ (CULT, 2018 e CÂMARA, 2015) é uma maneira de observar mudanças e continuidades nas elaborações discursivas e nos modos de atuação política dos seus agentes/militantes assim como as tensões, conflitos e negociações constituintes das relações de poder.

2. Formação do Movimento Homossexual Brasileiro

Genealogicamente, a formação do Movimento homossexual brasileiro (MHB) é datada do final dos anos 70 (GREEN, 2000; FRANCO, 2004; SIMÕES E FACCHINI, 2009). Especificamente, o ano de 1978, considerado o marco da chamada abertura política e reinserção na arena pública, dos grupos sociais, até então, lançados na clandestinidade como o movimento estudantil e sindical. Mas também foi um período de visibilidade e afirmação de

³ No texto publicado na *Revista Cult* (2018), em relação aos 40 anos do Movimento LBGT no Brasil, James Green revisita esse acontecimento e fala da tensão entre os militantes do grupo SOMOS na tentativa de apoiar e forjar uma aliança estratégica com grupos de esquerda e estudantil na região do ABC Paulista.

novas identidades e movimentos sociais (feminismo, negro e homossexual) no espaço público por meio da imprensa, na atuação em grupos de resistência, na música (FAOUR, 2006), no teatro (TREVISAN, 2011), na literatura e entre tantas outras formas e linguagens.

Trevisan, Green e Hipolito concordam que o ano de 1977 testemunhou “uma verdadeira explosão discursiva em torno da homossexualidade no Brasil. Inúmeras matérias em jornais e revistas, de grande circulação ou não, atestam o fato de que os gays tinham se tornado um assunto público de grande relevância” (2006, p. 178). Antes mesmo que se firmasse o *Lampião da Esquina* como um porta-voz da identidade homossexual, outros jornais de grande circulação já tematizavam as mudanças de comportamento sexual em suas colunas semanais. Destacamos a *Coluna do Meio*, do jornalista Celso Curi, publicada no jornal *Última Hora*, de São Paulo, de fevereiro de 1976 até novembro de 1977 e de acordo com Vinicius Coelho (2014, p. 43), devido à censura e as pressões sociais a coluna foi extinta e o jornalista foi processado por “atentado ao pudor”. Outros jornais da grande imprensa que passaram a ter uma coluna social gay foram o *Gazeta de Notícias* com a coluna *Tudo Entendido* escrita por Fernando Moreno e o *Correio de Copacabana* com a coluna *Guei* de Glorinha Pereira.

Entretanto, nem todas as referências à homossexualidade que circulavam em outras mídias impressas, dentre elas, o jornal progressista *Pasquim*, denotavam certo teor inovador e positivo do comportamento sexual como passou a fazer o *Lampião da Esquina*. Ao contrário, apresentava a temática da homossexualidade num tom depreciativo. Em entrevista recente concedida ao podcast da UOL “LadoBI” – de cultura e cidadania LGBTQI+ - João Silvério Trevisan afirma que o principal impulso que levou à criação do jornal *Lampião da Esquina* foi a maneira como a imprensa alternativa dos anos 1970 em suas publicações ditas progressistas ainda carregavam muito preconceito contra a homossexualidade. Havia uma consciência por parte do grupo de homossexuais, e que viria a constituir posteriormente o corpo editorial do *Lampião da Esquina*, dos preconceitos ferozes do *Pasquim*, e o primeiro seria uma reação contundente ao discurso estereotipado do segundo. Em vista disso, entendemos o *Lampião da Esquina* como expressão de uma contraconduta em relação à ordem discursiva heterocentrada, à direita e à esquerda.

Na entrevista publicada com Fernando Gabeira, (edição 1, dezembro 1979: p.19-22), a abertura da reportagem, efetuada por João Carlos Rodrigues, perguntava:

Qual o interesse do LAMPIÃO em entrevistar um ex-guerrilheiro? Aparentemente, nenhum. Mas quando esse ex-guerrilheiro se dispõe a falar sem censuras de homossexualismo, feminismo, negros e índios – temas que, na época em que ele estava na clandestinidade, não figuravam entre os que considerava prioritários-, o caso muda de figura. Temos a certeza de estar publicando uma das entrevistas mais importantes do ano – que escandalizará os puritanos da esquerda e da direita.

Assim, ao longo de 4 páginas, o agora denominado “guerrilheiro da sexualidade” falava sem pudores sobre todos esses assuntos, com destaque para a frase “não se pode esperar 70 anos para ter um orgasmo”⁴, mostrando que as lutas das “minorias” era um modo de fraturar a “sociedade patriarcal burguesa”.

Em relação ao termo *contraconduta*, Candiotta (2010) explica que, a partir do neologismo “governamentalidade”, forjado por Foucault, o filósofo do cuidado se referia a um dos níveis e/ou dimensões das “artes de governar”. Tal concepção, já estava presente em *Os Anormais* (2001), obra na qual Foucault nomeia e menciona as modalidades da governamentalidade como o “governo das crianças”, o “governo dos loucos”, o “governos dos pobres” e o “governo dos operários” que atuavam no processo de normalização e normatização dos corpos entre os séculos XVI e XVII, na França. Por conseguinte,

na governamentalidade, o ato de conduzir os outros não exige a atitude de passividade ou a anulação da liberdade daquele que é conduzido. O outro da condução deverá sempre ser considerado um sujeito de ações, o que implica a possibilidade de “contracondutas”; estas constituem um dos domínios da governamentalidade que é a do governo de si mesmo, do direito dos governados de limitar os excessos dos diversos modelos de governança, de ordem doméstica, política, pedagógica, espiritual, médica. Governar é agir sobre si mesmo, em vistas de se posicionar criticamente diante de quaisquer ações de condução (CANDIOTTO, 2010: p. 161).

Candiotta (2010), Grabois (2011) e Rago (2017) concordam que a noção de *contraconduta* foi inserida por Foucault, no curso de 1978, intitulado *Segurança, Território e População* (2008) no âmbito do debate sobre a governamentalidade e o governo das condutas, que segundo Margareth Rago, foi um modo de “nomear atos de resistência ao poder, de subversão, de transgressão ou de recusa de ser governado por outrem” (RAGO, 2017: p. 232). Ou ainda, como afirma Candiotta, a *contraconduta* seria “uma maneira de governar a si

⁴ Sobre a tensão em ser gay e militante, ver: GREEN, James. *Revolucionário e Gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

mesmo que se impõe diante daqueles diferentes modos de governar” (2010, 161) que perpassa pelo cuidado político de si, pelas relações interpessoais, familiares e nas relações marcadas pelas posições de gênero e sexualidade.

Em síntese, podemos dizer que a noção foucaultiana de *contraconduta*, possibilita observar práticas inovadoras de resistência e existência micropolítica que se firmam na (re)articulação de históricas redes de poder-saber-prazer e de seus processos de sujeição e hierarquização dos corpos, desejos e afetos. Assim, entendemos que a atuação do *Lampião da Esquina*, sob e a partir de uma moldura heteropolítica vigente em fins dos anos 1970, colocou no centro de sua narrativa uma outra possibilidade de resistência e existências das homossexualidades, outros modos de contar e visibilizar modos de vida, até então, nomeados como abjetos, imorais e pecaminosos.

Nas palavras de Foucault: *contraconduta* tem um sentido ativo, pois denota “luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros” (2008, 266), ao invés do termo “dissidência” que parece substantificar, naturalizar e instaurar “um procedimento de santificação ou de heroização” de uma dada posição de sujeito como o “louco” ou “delinquente”, como se “em todo caso, faz dissidência quem é dissidente” (2008, 266). Neste sentido, compreendemos o *Lampião* como um veículo que expressava um contradiscurso e/ou *contraconduta* em relação à boa parte da imprensa que, em sua maioria, estereotipava os homossexuais em suas narrativas.

Trevisan considera os anos 1970 como o período do nosso “boom guei”. A partir composição de diversos acontecimentos como a exposição promovida por Darcy Penteado, em 1973, em que “os nus masculinos não só constituíram o tema básico dos quadros como também impregnavam o estilo, de modo que o traço e clima manifestavam um inegável homoerotismo” (TREVISAN, 2011: p. 293) e a montagem da peça *Greta Garbo, quem diria, acabou Irajá*, em 1974, de Fernando Melo, que tematizava explicitamente “intimidade de homossexuais masculinos e se tornou um dos maiores sucessos do teatro brasileiro” (Idem), que ficou vários anos em cartaz e alcançou projeção internacional, sendo montada em Nova York. Segundo Trevisan, Fernando Melo “fora várias vezes vítima da censura federal em peças anteriores, sempre por causa da temática homossexual” (Idem).

Além disso, no campo musical e teatral, destacamos as performances dos grupos *Secos & molhados* e *Dzi Croquettes* (SILVA, 2017). A partir de uma composição cênica que

misturava signos e elementos dos campos masculino e feminino, ambos promoviam uma estética ambígua, marcada pelo trânsito entre os campos masculino e feminino. No caso dos *Dzi Croquettes*, numa fusão de teatro e humor, com passos fortes, danças e rebolados e combinando, de maneira inusitada, meias de futebol com salto alto, sutiãs com peitos cabeludos, cílios postiços com barbas, borravam as históricas fronteiras de gênero.

Não por acaso, entre fevereiro e março de 1974, os *Dzi Croquettes* foram um dos alvos da censura, tendo sua apresentação suspensa por mais de três meses, foram obrigados pelos censores da ditadura a “aumentar dois centímetros o tamanho das tangas” (LOBERT, 2010:122) para poder continuar em cartaz. Tal acontecimento constitui-se no elo entre os *Dzi* e a face repressora da ditadura. Na interpretação de Benjamin Cowan, entre os ideólogos da ditadura, se deu uma sobreposição entre os conceitos de “homossexualidade, comunismo, desordem e oposição ao regime”, dessa maneira, as forças de segurança apontaram para a homossexualidade, pública ou privada, como “manifestação de subversão” (2014, 28). Alimentando e justificando medidas repressoras sobre jornalistas que ousassem tematizar positivamente a homossexualidade.

Como exemplo das arbitrariedades impetradas pelos agentes da censura, Rita Colaço Rodrigues recorda quando foi instaurado em São Paulo, em 1978, um Inquérito Criminal contra os onze jornalistas da Revista *IstoÉ* que assinaram a matéria intitulada “O poder homossexual”. O principal argumento contra os jornalistas era o de “fazer apologia malsã do homossexualismo” (RODRIGUES, 2014: p. 222). Assim como a tentativa de silenciamento do *Lampião da Esquina*, em 1979, quando alguns dos seus editores, foram interrogados no DOPS do Rio de Janeiro, sob a acusação de “atentado à moral e os bons costumes”. Para Marcelino (2011) e Quinalha (2017), a retórica da defesa de uma concepção de moralidade pública e dos chamados bons costumes foi estruturante na construção discursiva da política sexual do regime autoritário de 1964.

Entendemos que essa censura moral contra a homossexualidade era fomentada por um pânico moral (MISKOLCI, 2007) em torno de toda e qualquer tentativa política, discursiva e social de despatologizar e positivar uma identidade homossexual. De acordo com Rita Colaço Rodrigues, ao analisar a relação entre censura, imprensa e televisão, alguns dispositivos legais impetrados pela censura como o Código Brasileiro de Telecomunicações e a Lei de Imprensa, ambos de 1967, a Lei de Segurança Nacional, de 1969; o Decreto-Lei 477, foram agenciados

pelos censores na caça ao que eles consideravam um perigo ao que pudesse macular uma “suposta moral da família brasileira”.

Com efeito, continua Colaço,

a homossexualidade e os homossexuais, assim como a questão racial, a prostituição, a questão econômica e política, a tortura e as prisões arbitrárias, tornaram-se expressamente proibidos de abordagem televisiva por ordens do aparato censório do regime (RODRIGUES, 2018: p. 216).

O pânico moral, segundo Miskolci, pode ser definido como “o consenso, partilhado por um número substancial de membros de uma sociedade, de que determinada categoria de indivíduos ameaça a sociedade e a ordem moral” (MISKOLCI, 2007:112). Não por acaso, alguns ideólogos da ditadura vão considerar toda e qualquer manifestação em torno da homossexualidade, principalmente a masculina, como uma ameaça “à segurança e à viabilidade do Brasil” (COWAN, 2014: p.49).

De alguma maneira, esses acontecimentos influíram na composição discursiva do *Lampião da Esquina*, que ao longo de suas edições distribuídas por todo país, “passou a ser o porta-voz de discursos inflamados sobre sexualidade no que ela tem de positivo e criador, atingindo milhares de leitores ávidos de poderem ver-se espelhados nas páginas do jornal” (RODRIGUES, 2014: p. 92). Desta forma, e no intuito de construir uma “consciência homossexual”, o jornal atingiu um público heterogêneo e com uma linguagem ousada e provocativa ambicionou tratar das experiências de “bichas, gays, entendidos, viados, homossexuais, travestis, negros, mulheres, feministas, ecologistas etc” (RODRIGUES, 2014: p. 97). Ainda segundo Rodrigues, em 11 edições do periódico, a “palavra travesti e/ou a imagem de travestis é estampada na capa” (como nas edições de n.º 4, 21, 22, 32, 35 e 36). Porém, sublinha o autor, “as colocações são sempre do ponto de vista da aceitação, com certo paternalismo, sustentando que a travesti é aquela que soube confundir o sistema” (2014, p. 116).



Figura 1: *Lampião da esquina*, ano 3, nº 32, 1981, CAPA

Ao narrar parte da repressão à gays e travestis em Belo Horizonte entre os anos 1963-69, Luiz Morando (2014) já observara a tentativa de organização de um movimento que pleiteasse as demandas dessa população, porém, o mesmo não perdurou devido aos constantes confrontos entre gays, travestis e as forças policiais. E com isso, podemos observar que a sexualidade apesar de não ser o elemento mais rígido nas relações de poder, como aponta Foucault (1998, p.114), é um dos componentes mais instrumentalizáveis, que possibilita um amplo conjunto de manobras políticas, discursivas, sociais e institucionais. Por estar na encruzilhada do corpo e da população, ela potencializa e incita noções de disciplina na produção dos corpos dóceis como também instiga uma determinada regulação dos corpos, dos desejos e dos afetos que, na maioria dos casos, alimenta a heteronorma (FOUCAULT, 1999: p. 300) e a produção de gêneros inteligíveis.

Em suas páginas, o *Lampião* mobilizava um jogo de alteridade entre ser um homossexual masculino e não afeminado e ser uma travesti, esta, por sua vez, ainda vista como uma vertente da homossexualidade, vulgarmente entendida como “homem que quer ser mulher”. Ao analisar os enunciados na revista *Rose*, publicação voltada ao público gay entre os anos 1979-83, Charles Lopes observou que, no complexo processo de produção das masculinidades homossexuais (SULZ e CARDOSO, 2016), um dos pontos mais valorizados

era a ‘discrição’, isto é, não “dar pinta”, não se comportar como “mulher”, seja pela indumentária, modo de falar, andar, gesticular, rebolar etc. Desta maneira, o autor argumenta que os próprios homossexuais acabam por (re)produzir sentidos, estereótipos e hierarquias, forjando uma díade “gay macho” versus “bicha louca” (SILVA, 2016; PEREIRA, 2017).

3. Homossexualidades nas cores do *Lampião*

Sérgio Carrara (2016) afirma que o *Lampião da Esquina* e o grupo *Somos* – grupo de afirmação homossexual, em finais dos anos 1970, foram dois eventos inaugurais do Movimento homossexual brasileiro nos quais houve toda uma movimentação em torno de uma luta contra o preconceito e da reflexão sobre o tema da homossexualidade. Em nota de rodapé o autor escreve que “essa datação corresponde a certa concepção do que seja ação política, deixando de lado eventos definidos como culturais” (CARRARA, 2016: p. 6). Os eventos culturais os quais o autor se refere e que foram expressivamente andróginos vinham, desde o início da década, ganhando espaço no amplo cenário artístico brasileiro.

Segundo Rodrigues (2010, p. 53), o *Lampião da Esquina* surge com a proposta de criar uma consciência homossexual, “assumir-se” e “ser aceito”, afirmando que ser gay era normal. Representava um grupo sem voz na sociedade, a conscientização de um humanismo igualitário sem diferenças e desequilíbrio de poderes. Em relação à visão política do jornal, “o *Lampião* orientava-se para uma alternativa libertária, que desafiava convenções e convicções políticas expressas na época tanto no campo conservador da direita quanto da esquerda” (FACCHINI; SIMOES, 2009: p. 86). O periódico faz resistência, enfrenta a moral conservadora da esquerda e o pragmatismo da direita. Poucos eram os jornais da imprensa nanica que refletiam sobre mudanças comportamentais pelas quais o mundo e o Brasil estavam passando.

De acordo com Rodrigues (2010, p. 51), a preocupação maior da maioria dos jornais alternativos⁵ era discutir os caminhos que a política brasileira viria a tomar, ou, como se dizia na época: “é necessário unir-se pela luta maior!”

Nas palavras de Trevisan:

um pouco às tontas, a esquerda ortodoxa enfiava tudo isso [feminismo e a homossexualidade] dentro do rótulo vago e finalmente depreciativo de

⁵ Sobre o surgimento de diversos jornais conhecidos como “nanico”, “de leitor”, “independente” e “underground” entre os anos 1950 e 80, ver: RODRIGUES (2014).

‘lutas de minorias’. [Desta forma] a sexualidade e o racismo eram temas incomodamente discutidos fora dos parâmetros da luta de classes (ou “luta maior”, em sua gíria). [Logo] do ponto de vista da esquerda ortodoxa, as chamadas “minorias” apresentavam temas espinhosos. E, para anos das “minorias”, a sensação era de estar prensados num círculo de ferro, à direita e à esquerda (2011, p. 338).

Não por acaso, a principal preocupação do *Lampião da Esquina* foi de retirar o homossexual das margens sociais dando espaço também a grupos minoritários como negros, índios e mulheres, inclusive, disputando a narrativa com a esquerda política que pormenorizava tais lutas, considerando-as, no caso da homossexualidade, uma espécie de capricho burguês (GREEN, 2012).

Assim, para os editores do jornal, era necessário alterar o olhar da sociedade para com os homossexuais e outros grupos desfavorecidos. Na edição de número zero, publicada em abril de 1978, no primeiro parágrafo do editorial *Saindo do gueto*, uma pergunta chama a atenção: “Mas um jornal homossexual para quê?” Isso demonstra o quanto o conselho editorial almejava criar e propor um jornal que não falasse da “luta maior” – a resistência política à ditadura militar - e sim de assuntos até então considerados secundários, tais como sexualidade, discriminação social, artes etc. Ao mesmo tempo, desde o início, a questão da identidade pautada na sexualidade se fez importante. No terceiro parágrafo eles respondem à pergunta:

nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara sua preferência sexual como uma espécie de maldição que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter (*Lampião*, número zero: p. 2).

Presumimos que a existência do *Lampião da Esquina* pode estar atrelada ao fato de a homossexualidade ter abandonado o que Nestor Perlongher (1987) chamou de “sombra do domínio do não dito”. Segundo o antropólogo, esse acontecimento tem relação com o desenvolvimento de populações homossexuais social e politicamente legitimadas (PERLONGHER, 1987: p. 59). Judith Butler (2003), por sua vez, afirma que a delimitação da legitimação ocorre através da exclusão de certos tipos de vivências homossexuais, embora não

evidentemente dialética. Isso nos levaria a entender que o jornal fundamentou e constituiu uma determinada identidade homossexual masculina e a partir de sua naturalização, regimentou, modelou, disciplinou gestos, corpos e discursos em detrimento de outras identidades e vivências homossexuais, numa busca por reconhecimento e legitimação.

Como sublinha Rodrigues (2014, p. 97) não encontramos no jornal um discurso dirigido a uma classe ou grupo social definido. “Ele vai falar para aqueles que vivem na terceira margem do rio, ou melhor, para aqueles invisíveis, socialmente falando”. Porém, questionamos em que medida o “falar direcionado à margem” contempla a pluralidade das formas manifestas de identidade homossexual expressas nos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo ou retroalimenta e flerta com uma certa inteligibilidade dos corpos (in)conformes?

Para avançarmos sobre essa questão é importante nos perguntarmos sobre qual ou quais referências identitárias da homossexualidade que mais se repetem ao longo das edições do jornal, quais os argumentos que se reiteram nas suas páginas, chegando a ganhar relativa autonomia e força de verdade pela repetição, ao mesmo tempo em que outras são esquecidas, apagadas. As homossexualidades que nos defrontamos no *Lampião da Esquina* foram fabricadas por uma sequência de enunciados no tempo, em condições específicas, com múltiplos e desiguais atores e autores. Daí a necessidade de levar-se em conta quem foram os autores centrais no ordenamento do discurso sobre práticas sexuais enquadradas como homossexuais, tendo em conta as conexões, interações e as condições desiguais de fala.

A reflexão sobre fronteiras identitárias do antropólogo Fredrik de Barth (1998) nos auxilia no estudo em torno das identidades homossexuais, tanto como um novo quadro de relações e espaços sexuais que vão se inserir no contexto urbano do Brasil na segunda metade do século XX, quanto na manutenção das relações de poder, dominação e hierarquias em torno das rígidas atribuições de gênero que circulam em torno da dicotomia masculino – feminino, macho – fêmea, da classe social e outras intersecções como raça e grau de escolaridade.

A bicha e o bofe, a travesti, o michê e os entendidos encontrados nas páginas do *Lampião da Esquina* devem ser compreendidos como históricas identidades que são tanto sinalizadas como assumidas, inventadas como negociadas, na medida em que novas formas de comportamento sexual são dicotomizadas, ao passo em que se estabelecem fronteiras

fortemente atreladas pela interseção classe/gênero/raça/faixa etária. Trata-se de questionar até que ponto as relações em torno da(s) homossexualidade(s) abre uma nova série de identidades a serem exploradas por pessoas, novas relações para consigo e com os outros como opções de se construir um novo modo de vida e de assumir uma posição em relação à violência (tanto física, quanto psicológica ou simbólica), ao afeto, ao prazer, ao desejo (...) que, com tanta frequência, marca a vida de muitos homossexuais, especificamente os que se aproximam dos marcadores que social e historicamente constituem os femininos e os masculinos.

4. Considerações Finais

Mediante o exposto, buscamos contribuir e ampliar essa trama discursiva sobre e em torno do *Lampião da Esquina*. De acordo com McLaren (2016, p. 159), é notório que toda e qualquer tentativa de fundamentar uma política ou narrativa coletiva a partir de uma identidade supostamente coesa e homogênea, tende a esmaecer. Devido a três prerrogativas. I) tendência a homogeneidade do grupo por focar em apenas um aspecto particular da identidade. II) As próprias categorias podem funcionar como agentes de exclusão e normatização. III) “Apesar da opressão compartilhada”, não há uma ligação direta entre o grupo e a identidade que se quer defender e afirmar. Logo, como afirma Caê Rodrigues, a tentativa do *Lampião* em abarcar tudo e todos foi um dos elementos que mostrou a potência das “lutas minoritárias”, mas também contribuiu para o fim do jornal.

No entanto, o *Lampião* também era participe de um jogo discursivo em que as identidades eram valoradas e hierarquizadas na medida em que nas suas páginas se forjava a identidade-homossexual desejável, como a figura do “gay-macho”, em oposição a “bicha loca”, expressando uma dada rejeição aos signos e códigos de feminilidade conjugados aos corpos sexuais masculinos.

Todavia e atentos as proposições de Donna Haraway, entendemos que

as perspectivas dos subjugados não são posições "inocentes". Ao contrário, elas são preferidas porque, em princípio, são as que tem menor probabilidade de permitir a negação do núcleo crítico e interpretativo de todo conhecimento. Elas têm ampla experiência com os modos de negação através da repressão, do esquecimento e de atos de desaparecimento - -com maneiras de não estar em nenhum lugar ao mesmo tempo que se alega ver tudo (1995:23).

Isto é, olhar a partir dos (des)caminhos expostos nas páginas do *Lampião* é um modo de leitura que privilegia os saberes subalternizados e invisibilizados por uma ordem heteropolítica, mas, atentos para não incidir no outro extremo de silenciar os debates, tensões, limites e apagamentos constituintes de uma dada política identitária (MCLAREN, 2016).

Portanto, entendemos que o *Lampião da Esquina*, a partir de uma contraconduta crítica e/ou radical (RAGO, 2017) das narrativas vigentes sobre as homossexualidades, expressava os anseios e inquietações de um novo sujeito de desejo que reivindicava o seu lugar na ordem de gênero, não mais como subalterno, marginal ou doente, e sim, como um sujeito consciente dos seus afetos e desejos, autônomo nas suas escolhas pessoais e coletivas, e não submisso às prerrogativas dos movimentos sociais ortodoxos como os grupos de esquerda e sua militância armada. Mas, em diálogo com essas pautas, o tabloide tentou forjar alianças molares, como sugere Preciado (CARRILO, 2010), se unindo no combate as violências que afetavam e afetam gays, lésbicas, transgêneros, negros, mulheres etc, mas reconhecendo, em alguma medida, as especificidades de cada luta e sua relativa autonomia de atuação social e política.

Por fim, focalizar os discursos e os modos de narrar do e no *Lampião da Esquina* é uma das formas de compreender as disputas, conflitos e concepções inerentes à formação do Movimento homossexual no Brasil e pontuar como o tabloide abriu caminhos para que toda uma discussão subsequente em torno das identidades de gênero e orientação sexual ganhassem outras tonalidades e itinerários nas letras dos jornais e revistas subsequentes ao seu término.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.; CEBALLOS, R. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: Mônica Raisa Schpun. (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 129-150.

ALVES, Carlos Jordan Lapa. A homossexualidade nas páginas do *Lampião da Esquina*. *Pergaminho* (6): 39-47, dez. 2015.

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. *Representação do corpo masculino: relações de imagem, identidade e cultura sobre o corpo masculino no jornal Lampião da Esquina e na*

revista Junior. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2013.

ANDRADE, Marciano Vieira de. *O “ORGULHO DE SER”*: identidade, política e gênero no lampião da esquina (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História do Brasil), UFPI, 2015.

ARIAS NETO, José Miguel; PESSOA DO AMARAL, Muriel Emídio. Homossexualidades de papel: cenas da imprensa homoerótica no Brasil (1963-2015). *Cuadernos.inf.*, Santiago, n. 39, p. 101-112, dic. 2016. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0719-367X2016000200007&script=sci_arttext&tlng=pt>

BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é? Sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: _____. (Org.) *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa, 2000, p. 25-67.

BRITO, Alexandre Magno Maciel Costa e. *O lampião da esquina: uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)*. Dissertação (Mestrado em História), UnB, Brasília, 2016.

BUTLER, Judith. “Parentesco é sempre tido como heterossexual?” *Cadernos Pagu*, Campinas (21), p. 219-260, 2003.

BUTTURI JUNIOR, Atilio. O discurso homoerótico na imprensa alternativa da década de setenta: uma análise do “lapião da esquina”. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 95-106, abr./jun. 2012.

CÂMARA, Cristina. Um olhar sobre a história do ativismo LGBT no Rio de Janeiro. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n.9, p.373-396, 2015.

CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis - Identidades transviadas no Jornal Lampião da Esquina (1978-1981)*. Dissertação (Mestrado em História), UPF, 2015.

CANDIDO, Ingrid Maria Bezerra. *Ditadura, cultura e homossexualidades: o Lampião da Esquina e a Manifestação Cultural de Minoria (1978-1981)*. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História), UNB, Brasília, 2017.

CANDIOTTO, Cesar. Ética e Política em Michel Foucault. *Trans/Form/Ação*. Marília, v. 33, n. 2, p. 157-176, 2010.

CARRARA, Sérgio. A antropologia e o processo de cidadanização da homossexualidade no Brasil. *Cadernos Pagu*, n. 47, p. 1-38, 2016.

CARRILO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. Niterói, *Revista Poiésis*, nº 15, p.47-71, julh. De 2010.

COELHO, Vinicius. *Lampião da Esquina: Porta voz dos homossexuais (1978-1981)*. RJ: Editora Multifoco, 2014.

COSTA, Rogério da Silva Martins da. *Sociabilidade homoerótica masculina no rio de janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. Dissertação (Mestrado) CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, RJ, 2010.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan. (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EduFSCar, 2014, p. 27-52.

CRUZ, Rodrigo. *Do protesto as urnas: O movimento homossexual brasileiro na transição política (1978-1982)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), USP, 2015.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FAOUR, Rodrigo. *História Sexual da MPB: a evolução do amor e do sexo na canção brasileira*. RJ: Record, 2006.

FERREIRA, Carlos. Imprensa Homossexual: surge o Lampião da Esquina. *Revista Alterjor*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-13, sep. 2012.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I: A vontade de saber*. RJ. 21ª reimpressão; Edições Graal, 1988.

_____. *A Ordem do discurso*, Edições Loyola, 17ª Ed. SP, 1996.

_____. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. O saber gay. *Ecopolítica*, 11: jan-abr, p. 2-27, 2015.

FRANCO, Michele Cunha. *O movimento homossexual brasileiro, sua trajetória e seu papel na ampliação da cidadania*. Dissertação de Mestrado (Sociologia), UFG, 2004.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GIMENEZ, Mariana Quadros. “*Saindo do armário*”, *porque é tempo de abertura: Memória, identidades e representações por meio do Lampião da Esquina (1978-1981)*. Dissertação (Mestrado em História), UFGD, 2015. Disponível em: <<http://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Mariana.pdf>>

GONÇALVES, Gean Oliveira. Voz da diversidade: os discursos da imprensa gay masculina no Brasil. *Revista Alterjor*, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 1-12, dec. 2016.

GRABOIS, Pedro F. Resistência e revolução no pensamento de Michel Foucault: contracondutas, sublevações e lutas. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*. 19, p. 07-27, 2011.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. - São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu* (15) 2000. p. 271-295.

_____. “Quem é o macho que quer me matar?”: Homossexualidade masculina, masculinidade revolucionária e luta armada brasileira dos anos 1960 e 1970. p. 58-93, 2012. Disponível em: <<http://www.corteidh.or.cr/tablas/r33222.pdf>> Acesso: 12/02/17>

GREEN, James; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. RJ: Editora José Olympo, 2006.

GREEN, James; QUINALHA, Renan. (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EduFSCar, 2014.

HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu, n.5, p. 07-41, 1995.

HEEREN, José Augusto de Castro. *O armário invertido: comunicação e discurso sob a luz de Lampião*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) -- São Paulo, 2011.

LadoBI. *Documentário sobre a primeira publicação gay do Brasil mostra o início do movimento e da visibilidade LGBT no país*. Disponível em: <<http://www.ladobi.com.br/2016/08/lampiao-da-esquina/>> Acessado em: 14 out. 2018.

LOPES, Charles R.R., *Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto: produção de masculinidades na Revista Rose (Brasil, 1979-1983), Porto Alegre-RS (Dissertação Mestrado)*. UFRGS, 2011.

_____. Masculinidade em Rose: gays efeminados/homens discretos. *MÉTIS: história & cultura* – v. 10, n. 20, jul./dez. 2011, p. 165-184.

LUCA, Tania Regina de. História do, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bessanezi (org.). *Fontes históricas*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011.p.111-153.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. O LAMPIÃO DA ESQUINA: Homossexualidade e Religião na Imprensa Gay no Brasil (1978-1981). *Paralellus* (Online), v. 4, p. 323-334, 2013.

_____. *Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)*. Dissertação (Mestrado em História), UFU, Uberlândia, 2015.

_____. “O ESQUADRÃO MATA-BICHA”: Sexualidades fora da norma e violência no Brasil. *Fato & Versões*, v. 7, p. 1-12, 2015.

_____. “Prendam, matam e comam os travestis”: a imprensa brasileira e seu papel na exclusão da população lgbt (1978-1981). *Albuquerque: Revista de História*, v. 7, p. 44-61, 2015.

MORANDO, Luiz. Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). In: GREEN, James; QUINALHA, Renan. (Org.). *Ditadura e Homossexualidades*. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 53-81.

MOSQUEIRA, Débora de S. B. 'Então chegamos': representações do feminino nas páginas d'O Lampião da Esquina (1973-1981). *Albuquerque: Revista de História*, v. 7, p. 25-43, 2015.

_____. *Acorda Maria Bonita: representações femininas nas páginas do Lampião da Esquina (1978-1981)*. Monografia (Graduação em História), UFMS, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes históricas*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 235-289.

Os 40 anos do Movimento LGBT no Brasil. *REVISTA CULT*, Ano 21, n.235, junho de 2018.

OLIVEIRA, Max Emiliano Silva. *Lampião da esquina: à margem, ainda hoje*. Dissertação (Comunicação Social), PUC-MG, 2017.

PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil*. SP: Publifolha, 2011.

PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. "Gay-macho", "travesti" ou "bicha pintosa"? - A produção discursiva sobre representações homoeróticas no Jornal Lampião da Esquina (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História), UNIOESTE, 2017.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PINTO, Rhanielly Pereira do; FREITAS, Eliane Martins de. Ressignificando a homossexualidade: o jornal Lampião da Esquina e a Ditadura civil militar. *EMBLEMAS (UFG-CATALÃO)*, v. 14, p. 23-63, 2017.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

QUINALHA, Renan Honório. *Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. Tese (Doutorado em Relações Internacionais), USP, 2017.

RAGO, Margareth. Foucault, os feminismos e o paradoxo dois direitos. *Dois pontos*., Curitiba, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 229-241, abril de 2017.

REIS, Toni. (Org.). *Manual de Comunicação LGBTI+*. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/Gay Latino, 2018.

RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de Identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Niterói: EduFF, 2010.

_____. Um lampião iluminando esquinas escuras da ditadura. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan. (Org.). *Ditadura e Homossexualidades*. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.83-123.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. De Denner à Chrysóstomo, a Repressão Invisibilizada: As Homossexualidades na Ditadura. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan. (Org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: Edufscar, 2014, p. 201-244.

RUBIO, Natam Felipe de Assis. *Lampião da Esquina: uma etnografia arquivística e as controvérsias entre bichas, travestis espalhafatosas e reticentes homossexuais*. Monografia (Ciências Sociais), UFRRJ, Seropédica, 2017.

SANTOS, Wendel Souza. O movimento LGBT no Brasil (1978-1981): um estudo sobre o Jornal Lampião da Esquina. *Temática*, Ano XI, n. 08, p. 135-148., Agosto/2015.

SCHULTZ, Leonardo; BARROS, Patrícia. M. O Lampião da Esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970. *Revista de Estudos da Comunicação (Impresso)*, v. 15, p. 49-63, 2014.

SILVA, Ariana Mara da. Lésbicas negras, identidades interseccionais. *Periódicus*, n. 7, v.1, p. 117-133, maio-out. 2017.

SILVA, Daniel Henrique de Oliveira. *Lampião da esquina: lutas feministas nas páginas do "Jornal Gay", luzes em tempos sombrios (Brasil, 1978-1981)*. Dissertação (Mestrado História), UFU, 2016.

SILVA, Fábio Ronaldo da. *As porosidades do tempo: velhos e velhices nas publicações homoeróticas brasileiras (1978-2013)*. Tese (Doutorado em História), UFPE, 2017.

SILVA, Natanael de Freitas. Masculinidades hierarquizadas: entre o 'gay macho' e a 'bicha louca', performances de gênero nos anos 1970. *Contemporâneos*, Revista de Artes e Humanidades, p.1-24, 2016.

_____. *DZI CROQUETTES: invenções, experiências e práticas de si - masculinidades e feminilidades vigiadas*. Dissertação (Mestrado em História), UFRRJ, 2017.

SILVA, Edlene Oliveira; BRITO, Alexandre. Travestis e transexuais no jornal Lampião da esquina durante a ditadura militar (1978-1981). *Dimensões - Revista de História da UFES*, v. 38, p. 214-239, 2017.

SIMÕES JR, Almerindo Cardoso. Vozes da bichórdia Construções de memórias através do discurso dos leitores do jornal Lampião da esquina. In: *IV Encontro Nacional de História da Mídia*, 2006, São Luis - MA. CD IV Encontro Nacional de História da Mídia, 2006.

_____, *E havia um lampião na esquina - Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978 - 1980)* – Dissertação (Mestrado em Memória Social), Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006.

SOTANA, E. C. & MAGALHÃES, M. O. Ativismo político em traços de humor: as charges veiculadas no jornal O Lampião da Esquina (1978-1981). *Albuquerque – revista de história*. vol. 7, n. 13, p. 6-23, jan.-jun./2015.

SOUTO MAIOR JR, Paulo Roberto. Escrever para inscrever-se: epistolografia homossexual nas páginas do Lampião da Esquina (1978-1981). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 254 - 282. set./dez. 2016.

_____. *Assumir-se ou não assumir-se? O Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981)*. Dissertação (Mestrado em História), UFPE, 2015.

SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. *Homoerotismo no Brasil contemporâneo: representações, ambiguidades e paradoxos*. Tese (Doutorado em História Social), UFU, Uberlândia, 2011.

SULZ, Juliana; CARDOSO, Frederico. Educação e políticas de masculinidades: 15 anos das produções dos Estudos de Gênero (2000-2015). *Revista Ártemis*, Vol. XXII nº 1; jul-dez, p. 63-72, 2016.

TREVISAN, João Silvério: *Devassos no paraíso – A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* –Ed. revisada e ampliada- 8ª Ed. – RJ: Record, 2011.

VERAS, Elias Ferreira; ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. (Org.) *Revista Esboços - Dossiê: Quando Clio encontra as “sexualidades disparatadas”*. v. 23, n. 35. Florianópolis: UFSC, p. 7-10, 2016.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Travestis no jornal Lampião da Esquina: discursos dissidentes em tempos de censura (1978 e 1981). In: DUARTE, Ana Rita Fonteles. (Org.). *Imagens sob suspeita: censura e meios de comunicação na ditadura civil- militar brasileira*. 1ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017, v. 1, p. 191-210.

WAGNER, Gabriel Wayer. *Garotos Não Usam Batom: As Travestis Sob o Olhar do Jornal Lampião da Esquina*. (Monografia de Especialização *lato sensu* em Mídia, Formação e Cultura), ECA-USP, 2013.

Natanael de Freitas Silva: Doutorando em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPHR/UFRRJ/CAPES) e tutor na PCI/CEDERJ (Praça da Ciência itinerante). É integrante do grupo de pesquisa LEPCON (Laboratório de Estudos e Pesquisas da Contemporaneidade), na linha < Relações de

gênero, masculinidades e teoria queer>; desde 2012. Também integra o LabQueer (Laboratório de estudos das relações de gênero, masculinidades e transgêneros) na linha de pesquisa " Masculinidades e homossexualidades"; desde 2015.

Natam Felipe de Assis Rubio: Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Foi selecionado pela Instituição de Ensino UFRRJ para participar do Programa de Bolsas Ibero-Americanas Graduação Santander Universidades que o possibilitou de estudar um semestre (1º de 2016) na Universitat de Lleida -Espanha. É colaborador no grupo de pesquisa LabQueer (Laboratório de Estudos das Relações de Gênero, Masculinidades e Transgêneros).

Artigo recebido para publicação em: setembro de 2018

Artigo aprovado para publicação em: novembro de 2018

Como citar este artigo:

Silva, Natanael de Freitas; Rubio, Natam Felipe de Assis; Sexualidade homossexual no jornal *lampião da esquina*. In REVISTA TRANSVERSOS. "Dossiê: LGBTTQI. HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS". Nº 14, SET-DEZ, 2018, pp. 165-186 Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. ISSN 2179-7528. DOI:10.12957/transversos.2018.38665.